

ROSA MARIA EGIPCÍACA NO SAMBÓDROMO

Wagner de Alcântara Aragão¹

Resumo: Trata-se de uma resenha crítica do desfile da escola de samba Unidos do Viradouro, do grupo especial do Carnaval do Rio de Janeiro. A apresentação ocorreu na madrugada de 21 de fevereiro de 2023, e encerrou os desfiles desse ano. O desfile foi acompanhado in loco, do setor do sambódromo próximo à Praça da Apoteose.

Palavras-chave: Carnaval, escola de samba, Viradouro, Rosa Maria Egipcíaca, sambódromo

ROSA MARIA EGIPCÍACA EN EL SAMBÓDROMO

Resumen: Esta es una revisión crítica del desfile de la escuela de samba Unidos del Viradouro, del grupo especial del Carnaval de Río de Janeiro. La presentación ocurrió en la madrugada del 21 de febrero de 2023, y cerró los desfiles de ese año. El desfile fue seguido in loco, desde el sector del sambódromo próximo a la Praça da Apoteose.

Palabras clave: Carnaval, escuela de samba, Viradouro, Rosa Maria Egipcíaca, sambódromo

¹ Wagner de Alcântara Aragão é doutorando em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCom/UFPR). No PPGCom, integra o grupo de pesquisa Click - Comunicação e Cultura Ciber. É mestre em Estudos de Linguagens (UTFPR, 2018). Possui especialização em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura (UTFPR, 2008), e graduação em Geografia (Licenciatura Plena, Unibem, 2004) e Comunicação Social (Bacharelado em Jornalismo, UniSantos, 2000). Atua como professor e jornalista. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3400479948264701>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5618-2718>. E-mail: waaprofessor@gmail.com.



Porta-bandeira Rute Alves, no setor inicial do desfile da Viradouro em 2023. Foto de Tata Barreto/ Divulgação Riotur. Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/riotur/52702288114/in/album-72177720306158360/>>.

Desfile de escola de samba, além de manifestação artística, festa, folia, confraternização, é fonte de informação. E de formação. São incontáveis os exemplos de enredos em sambódromos Brasil adentro que apresentaram ao grande público histórias, nomes, fatos pouco difundidos. Ou nada conhecidos. Há grupos de professores da educação básica, inclusive, que se dedicam a extrair dos desfiles conteúdos para a sala de aula (SOUZA, 2022). Nesse sentido, Vieira (2018) traz estudos de casos da aplicação de sambas-enredos em atividades curriculares.

Função social essa, aliás, que vem de longe. Podemos começar lembrando a trajetória de Xica da Silva contada pelo Salgueiro, em 1963; as lendas e mistérios dos povos da Amazônia retratados pela Portela, em 1970; ou o universo do jogo do bicho sendo publicizado pela Beija-Flor, em 1976. A mesma escola de Nilópolis popularizou a cantora de ópera Bidu Sayão, em 1995. Antes, com “Kizomba, a festa da raça”, a Unidos de Vila Isabel celebrou em 1988 o centenário da abolição da escravatura a partir de uma outra perspectiva, que não a de cartilhas e livros didáticos do passado. Agora em 2023, muita gente só ficou sabendo da filha de Lampião, Expedita Ferreira, pela sua presença, como destaque, nos desfiles da Mancha Verde e Imperatriz Leopoldinense.

Também neste ano de 2023, coube ao Carnaval colocar todo mundo diante da biografia de Rosa Maria Egipcíaca (1719-1778), enredo da Unidos do Viradouro, que com a apresentação se sagrou vice-campeã dos desfiles do Rio de Janeiro. Por um décimo, não obteve o título, do qual seria tão merecedora quanto fora a campeã, Imperatriz Leopoldinense. Esta resenha trata de analisar o que fez o desfile sobre Rosa Maria Egipcíaca uma aula de Brasil, em plena Passarela do Samba Darcy Ribeiro.

O anúncio do enredo escolhido foi feito pela agremiação de Niterói em 13 de maio de 2022. Intitulado “Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz”, o enredo, de autoria do carnavalesco Tarcísio Zanon, foi inspirado no livro “Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil”, de Luiz Mott, de 1993 (MELO, 2022). Em comunicado oficial em suas redes sociais, a escola explicou assim sua escolha:

É preciso apresentar histórias de personagens esquecidas pelo tempo. A Unidos do Viradouro vai contar em 2023 a fascinante saga de Rosa Courana, considerada a primeira mulher negra a escrever um livro no país, e refletir sobre importantes aspectos dessa história tão marcante. Escravizada. Meretriz. Feiticeira. Beata. Escritora. Uma santa africana no Brasil. Mostraremos todas as pétalas – e espinhos – dessa linda flor. ‘A Flor do Rio de Janeiro’: Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz’ (SRZD, 2022, online)

Após um concurso que levou meses, na noite do domingo 16 de outubro de 2022 a agremiação enfim definiu seu samba-enredo, que logo caiu no gosto de sua comunidade, e dos apreciadores do Carnaval de um modo geral. Em enquete do site especializado Carnavalesco, por exemplo, o hino da Viradouro foi definido por como o “predileto” pelos leitores (CARNAVALESCO, 2023). O refrão de introdução do samba sintetizou assim o enredo:

Eis a flor do seu altar, sua fé em cada gesto/ O amor em cada olhar dos filhos meus/ No cantar da Viradouro, o meu samba é manifesto/ Sou Rosa Maria, imagem de Deus
Eis a flor do seu altar, sua fé em cada gesto/ O amor em cada olhar dos filhos meus/ No cantar da Viradouro, o meu samba é manifesto/ Imagem de Deus sou eu (SRZD, 2022, online)

Era, pois, revestido de todo esse anúncio e de todas essas expectativas que se aguardava o desfile da Viradouro sobre Rosa Maria Egipcíaca.

Desfile que encerrou as apresentações do ano. A Viradouro pisou a avenida por volta das 4h30 da terça-feira 21 de fevereiro de 2023, sucedendo arrebatador desempenho da Beija-Flor, que tinha sacudido as arquibancadas com, entre outros destaques, a cantora Ludmilla co-interpretando o samba-enredo da escola com Neginho da Beija-Flor. Situação perigosa para a Viradouro: vir logo depois de performance marcante impõe responsabilidade ainda maior, que é a de manter o sambódromo em semelhante patamar de envolvimento.

A observação in loco do desfile, instrumento metodológico para a análise que dá corpo a esta resenha (combinado a acesso ao videotape da transmissão, disponível na plataforma Globoplay), ocorreu no setor próximo à Praça da Apoteose. Nesse ponto da passarela, quando os primeiros desfilantes (comissão de frente, casal de mestre-sala e porta-bandeira, abre-alas) chegam, têm-se transcorridos em torno

de 30 a 40 minutos de desfile. Ou seja, aquela empolgação, aquela energia e impulso iniciais tendem a já ter se dissipado, e então se torna possível mensurar o quão forte, consistente e homogêneo é de fato o conjunto da apresentação.

Desde a largada, foi possível ouvir pelo sistema de som e ver pelos telões uma escola que realmente adotou Rosa Maria Egipcíaca como sua homenageada. O samba-enredo puxado pelo intérprete, Zé Paulo Sierra, e pela bateria do Mestre Ciça era bradado a plenos pulmões pelos componentes. Igualmente, pela maior parte do público nas arquibancadas e frisas.

Evidência disso houve logo na segunda volta do samba, em torno dos seis primeiros minutos de desfile, quando a bateria fez uma breve parada (a chamada “paradinha”) no refrão de meio do samba, cujos versos exaltam o lado místico da personagem homenageada: *“É vento na saia da preta courá/ Na ginga do acotundá.../ É ventania/ Sete vozes guiaram minhas visões/ Mistérios, alucinações, feitiçaria”*. O silêncio da bateria, além de possibilitar perceber o quanto desfilantes e público estão cantando e embalados, faz se sobressaírem pontos da história ali narrada. No caso, sublinhava-se o misticismo em torno da figura de Rosa Maria Egipcíaca.

Ainda nessa mesma volta, na reta final do samba, outra “paradinha” da bateria e, desta vez, acompanhada também do silêncio do carro de som, isto é, intérprete e co-intérpretes deixando com que o público, à capela, entoasse o samba. Manobra tida como ousada, pois há sempre dois riscos: um, de não se obter o retorno esperado; dois, na retomada, o samba “atravessar”. Antecipada pelo caco “bate no peito e diz”, dado pelo intérprete, o verso deixado para o público cantar foi o último antes do refrão de introdução da letra: *“Eu sou a santa que o povo aclamou”*. A estratégia foi para lá de bem sucedida. Desfilantes e plateia mais do que supriram o silêncio de carro de som e bateria: subiram o ritmo do refrão, fazendo surgir das arquibancadas gritos e vibrações de deleite. Ademais, o verso destacado enaltece a essência de Rosa Maria Egipcíaca apresentada pela Viradouro no sambódromo: a santa aclamada pelo povo.

Em todos os quase 70 minutos de desfile da agremiação de Niterói, e nas mais de 20 repetições do samba, foram incontáveis outros momentos tanto de parada da bateria como de chamado do intérprete de som para que o público

“puxasse”, sozinho, o samba. Em todas as vezes, desfilantes e espectadores corresponderam. À medida que esse coral participava do versar sobre Rosa Maria Egipcíaca, outros elementos artísticos do desfile, para além do samba-enredo, contribuíam para a compreensão da biografia da personagem.

A comissão de frente, por exemplo, sintetizou com precisão o que o samba-enredo contava. Uma equipe de dançarinas, incluindo uma destaque, interpretando Rosa Maria Egipcíaca, fazia coreografias ora no chão, ora sobre o tripé em que elementos da ancestralidade africana ficaram evidentes pela dança propriamente dita, pelo rodar da saia pontuado pela letra do samba, pelas cores das fantasias e adereços. Ao final de cada ciclo da coreografia, a destaque era elevada pelo tripé, e aparecia com vestimentas alusivas a uma santa. Era, pois, sua aclamação.

A seguir, um setor inicial do desfile expunha igualmente as raízes africanas da personagem. Cores de fantasias e adereços, inclusive do imponente abre-alas acoplado, tinham tonalidades de vermelho e marrom, com detalhes em azul prateado. Efeitos luminosos, expressividade das esculturas e intenso canto e dança dos componentes transmitiam a personalidade forte e resiliente da homenageada. A performance do casal de mestre-sala e porta-bandeira, Julinho Nascimento e Rute Alves, estava em convergência com esse contexto.

Alas, tripés e alegorias do segundo terço do desfile evidenciavam a chegada de Rosa, criança, ao Brasil (Rio de Janeiro), vinda, forçadamente, de Benin; também evidenciavam, principalmente, o calvário que enfrentou entre sua infância, adolescência e até os 30 anos de vida. Rosa, conta-nos Mott (1993), foi levada, a pé, menina, do Rio de Janeiro a Minas Gerais, para trabalhar como escravizada e ser explorada sexualmente. Em elementos de fantasia e adereços, em alegorias e representações das alas foi possível identificar essa história, e seu contexto. Por exemplo, na tonalidade dourada (menção ao ciclo do ouro); ainda, uma alegoria que reproduzia a Fazenda Cata Preta, um típica fazenda colonial da época, onde Rosa Maria Egipcíaca trabalhou escravizada. Enfim, esses e outros elementos, combinados, reitere-se, ao samba entoado por escola e público, tudo isso facilitou a compreensão do contexto em que ela viveu: de um lado, riqueza expropriada, de outro exploração humana.

A última sequência de alas e alegorias da apresentação, incluindo a bateria, deu conta de abordar a Rosa Maria Egipcíaca livre da exploração, mas sofrendo os efeitos de tanto sofrimento – por meio de delírios e devaneios – ao mesmo tempo em que se dedicava a atender e assistir as pessoas necessitadas. E, por essa razão, admirada. Nessa fase final do desfile, da rainha de bateria, Érika Januza, interpretando a homenageada, passando pelas esculturas em alegorias representando a personagem, tivemos pelo desfile da Unidos do Viradouro, a aclamação e coroação de Rosa Maria Egipcíaca como santa. Se perseguida pela Inquisição, do povo obteve devoção – é o que foi possível constatar pelos quesitos constituintes dessa expressão artística que é a apresentação de uma escola de samba na avenida.

O livro de Luiz Mott, como dito, é de 30 anos atrás. Àquela altura, dizia, “Rosa Egipcíaca da Vera Cruz é provavelmente a mulher africana do século XVIII sobre a qual se dispõe de maior número de informações biográficas” (MOTT, 1993, p. 9), mas “completamente apagada da memória nacional” (IDEM). Baseado no livro de Mott, quatro anos depois foi publicado o romance “Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz: a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade”, de Heloísa Maranhão. Ambas as obras já foram objeto de comparação por pesquisadoras como Rosely Santos Guimarães (GUIMARÃES, 2003) e Francine Vargas dos Santos Damasceno (DAMASCENO, 2020).

Passados três decênios daquela obra base, coube a uma escola de samba, a Viradouro, por meio da expressão artística carnavalesca, levar Rosa Maria Egipcíaca ao sambódromo, e torná-la conhecida por milhões de espectadores.

Os últimos minutos de Rosa Maria Egipcíaca no sambódromo se deram sob a alvorada de verão do Rio de Janeiro. A paleta de cores de fantasias e adereços das alas e alegoria finais complementou as tonalidades de laranja e azul do sol e do céu daquela aurora carnavalesca. O desfile da Unidos do Viradouro tornou Rosa Maria Egipcíaca inesquecível.

REFERÊNCIAS

MELO, João Gustavo. Sionpse do enredo. In: **Rosa Maria Egipcíaca: conheça em detalhes o enredo da Viradouro; sinopse e vídeo**. Portal SRzd. 30/06/2022. Disponível em <<https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/rosa-maria-egipcica-conheca-em-detalhes-o-enredo-da-viradouro-sinopse-e-video/>>. Acesso em: 30/05/2023.

CARNAVALESCO. **Samba-enredo da Viradouro vence enquete entre os leitores do Carnavalesco para o Carnaval 2023**. Site Carnavalesco. 04/01/2023. Disponível em <<https://www.carnavalesco.com.br/samba-enredo-da-viradouro-vence-enquete-entre-os-leitores-do-carnavalesco-para-o-carnaval-2023/>> . Acesso em: 30/05/2023.

DAMASCENO, Francine Vargas dos Santos. **A trajetória de Rosa Maria Egipcíaca e o silenciamento cultural dos africanos no romance de Heloisa Maranhão**. *Letrônica*, 13(1), e35115. Disponível em <<https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.1.35115>>. Acesso em: 30/05/2023.

GUIMARÃES, Rosely Santos. Corpo negro: entre a história e a ficção. O caso de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz. *Revista Em Tese*, v. 6, p. 01-25, 2003. Disponível em <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/download/3550/3510>. Acesso em: 30/05/2023.

SOUZA, Cláudio Manoel Carneiro de. **O samba na escola: narrativas de rupturas e permanências nos sambas-enredo no centenário da abolição**. 2022. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional Profhistória, Faculdade de Formação de Professores, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/19344/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Claudio%20Manoel%20Carneiro%20de%20Souza%20-%202022%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 30 maio 2023.

SRZD. **Rosa Maria Egipcíaca: conheça em detalhes o enredo da Viradouro; sinopse e vídeo**. Portal SRzd. 30/06/2022. Disponível em < <https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/rosa-maria-egipcica-conheca-em-detalhes-o-enredo-da-viradouro-sinopse-e-video/> >. Acesso em: 30/05/2023.

VIEIRA, Fabiolla Falconi. **O samba pede passagem: o uso de sambas-enredos no ensino de História**. 2016. 243 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://profhistoria.ufsc.br/files/2017/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Final-FABIOLLA-VIEIRA-FALCONI.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2023.

Recebido em: 28/06/2023

Aceito em: 19/10/2023